

A VERDADE

Semanao Republicano

ANO III

Quinta-feira, 15 de Maio de 1924

N.º 112

Director: Augusto Fernandes da Cruz

EDITOR—Virgílio A. Cardoso

Red. e Adm.—Rua Faria Barbosa, 75

Composição e impressão
Tipografia de Rogerio Calás

BARCELOS

Propriedade da Empresa: A Verdade

IMPUDOR

Ha uma camada de certos politicos que, uzando continuamente dos mais pérfidos e artificiosos ardis, deturpa e confunde os factos no mesquinho proposito de dispôr das coisas a seu talante, para que lhe produzam os efeitos almejados.

E aqui, na vida politica local, a maneira de agir de determinadas figuras partidarias tem atingido o maximo do impudôr.

Completamente falhos de senso pratico, embotados de sensibilidade moral, calcam os proprios principios que, com descarada petulancia dizem professar, arrastando tudo no labirinto de encruzilhadas que, a todo o momento, criam para estabelecer a confusão.

E, n'esta ação perversa de calculada astucia, afastam e desgostam os bem intencionados, os estudiosos e os competentes que, com leal ingenuidade, ainda collocam acima de tudo os preceitos doutrinarios que seguem, luctando sempre pelo ideal que os norteia.

Na sua dementada ambição do mando, a que pretendem dár fóros de perpetuo, calcam os direitos e as regalias populares, com uma auzencia de pudôr e uma frieza d'animo que causa calafrios.

Bem ridiculos e frizantes exemplos temos de tão impudente orientação, de cujas responsabilidades jamais poderão furtar-se, e, de que, infelizmente para a Republica, nem ao menos procuram modificar.

Parece que no intimo, e talvez no desejo d'um regresso áquilo que em politica foram n'outras eras, acalentem ainda uma vaga esperança de voltarem á antiga casa paterna.

Todavia os tempos são outros, e nós caminhamos para um futuro proximo em que o ajuste de contas ha-de ter a sua liquidação estrondosa e convenceimo-nos mesmo que a conta corrente ficará saldada.

O povo da nossa terra não dorme, e embora depois da vergonhosa viciação do recenseamento eleitoral, se tivessem já organizado mais dois recenseamentos sem se proceder á eleição da Camara, que está illegalmente no exercicio de funções, um dia ha-de chegar em que as coisas se porão no seu légitimo lugar, sendo então claramente reconhecidos e garantidos os direitos populares.

Ainda que mais uma vez—o que já se não estranha—faltem ao cumprimento rigoroso de responsabilidades que voluntariamente assumiram, não realisando, dentro prazo marcado nos Estatutos a eleição da Mesa do Hospital, ao acordar deste povo, que está cheio de sêr ainesquinhado, sentirão como a espada da Justiça os ha-de castigar severamente e com sobeja rasão.

São, na realidade impenitentes no cometimento

de atropêlos d'uma politica imoralissima, sem finalidade, vendidos ou indecorosamente alugados á ambição de certos mandões, mas, a seu tempo, tempo virá d'uma formal liquidação.

Sigam esses mesquinhos aventureiros, sem rumo nem sensibilidade, a rota ignobil que traçaram que nem assim imprimem receio, nem calam a vóz da verdade, legitimamente revoltada contra tanta traficancia politica.

Talvêz nos fosse melhor e mais lucrativo fazer como Euripedes nos ensina: «*Quos vult perdere Jupiter dementat prius*», mas não, preferimos antes como Emerson pelear francamente por «*uma organização que conceda ao homem a maior soma de liberdade compativel com a liberdade de cada um*», se bem que isso nos custe desgostos e traga contrariedades várias.

Apraz-nos mais a lealdade cortante da verdade, do que mentir ensandecendo com elogios como Jupiter áqueles que quer perder.

AZAS DE PORTUGAL

*Portugueses: Sentindo! Olhai, são Elas,
Azas de Portugal, estonteantes,
Em novo e vasto oceano, novas vèlas,
Em nossos dias, epocas distantes!*

*Portugueses: Sentido! Orai por Elas
Que no deserto, marcaram triunfantes,
Por entre um turbilhão de mil estrelas,
A róta do futuro aos navegantes.*

*Orai que Deus escuta. O Sol nascente,
Já beijou com seu brilho refulgente,
A nossa caravela destrocada!*

*Orai por tanta fé, tanta bravura
Para que vingue a esplendida aventura
Desta «ditosa patria nossa amada!»*

Vila do Conde

Artur de Araujo

INSISTINDO

Mantemos, o que fizemos já com a demonstração de incontestaveis rasões, inalteravel, a nossa opinião de que o Municipio acompanhado do seu estandarte, se devia incorporar na Parada Agricola, e insistimos na mais rigida censura á sua não comparencia a esse cortejo, onde se exhibiram, com interessante originalidade, os

productos e agricolas da nossa fértil e formosissima região.

Uma das obrigações da Camara é concorrer a todas as manifestações que significam vitalidade concehna e que representem publicas demonstrações de trabalho e produção.

Conven a certos e faciosos politiqueiros amesquinhar a Parada, porque não é obra sua e até o seu curso lhe negaram. Agora vêm, ainda como justifica-

bão á descortezia da Camara, chamar-lhe *caricatura, comica, chula*, cognominando os concorrentes de *apreciadores do verdasco*, e outras sandices neste genero.

Envergonhou-se a maioria da Camara, pois ainda se registaram algumas elevadas excepções de se juntar com o povo do concelho, na sua festa agricola, mas quando se trata de eleição, então, para conseguir o voto, tudo são abraços, carneiro com batatas, verdasco em abundancia, etc. E se for preciso até vai o estandarte municipal!

Peja-os o facto de se incorporarem na Parada Agricola, pela circumstancia futil e até imbecil de abis se ostentar uma pipa de vinho, significativa d'uma das maiores produções do concelho, e não se envergonha a mesma Camara de ter recebido no salão nobre do Municipio com discursos de boas vindas um grupo de excursionistas de Porto intitulado: "*Os amigos de S. Martinho*", que traziam como emblema na lapela do cazaco um caneco.

E' fantastico!

A tal forma de justificar tamanha incorrecção os impetentes só servindo se d'alguns versos dum soneto de Alexandre da Conceição podem responder:

Escusas de berrar. Eu não te escuto
E perdes o teu tempo inutilmente.
Que culpa tenho eu que sejas bruto,

Com isso, diz, que mal te faço eu?
Se tu vaes para o ceo como idiota?

Ah! velhaco! essa raiva em ti denota
Que o sonhoda ambicao te ensandeceu
Pois quando o porco trepa quer bolota.

Injustificavel atitude

Ha mirudoncias que antecederam a realisacão das tradicionais Festas do Cruzes que convem não fiquem no cívico, porque algumas das pessoas que lhe negaram o seu concurso, são exactamente d'aquelas que mais precisam do povo do concelho.

Não foi só a maioria da nossa Camara que velhacamente se negou a incorporar-se na Parada Agricola, pois tambem o deputado e senador por este circulo snr. Antonio A. Marques Azevedo e Dr. Augusto Monteiro,

se recusaram a dar o seu esforço no sentido de que o snr. Ministro da Agricultura viesse assistir ás festas, embora para isso tivessem sido gentilmente solicitados por honroso convite da Commissão.

Sirviu-lhes de pretéxto habilidoso o facto de a Commissão ter pedido ao Grémio do Minho, instituicão de defesa e auxilio d'esta linda região, para conseguir um premio do snr. Ministro da Agricultura para a Parada Agricola.

Ora esta atitude inexplicavel e absolutamente censuravel, muito especialmente para quem se alguma coisa é na Camara ou no Parlamento Portuguez, o deve ao povo d'este concelho, não podia ficar esquecida.

Em nossa opiniao o seu dever seria o de concorrerem voluntariamente até para o engradecimento da terra que tamanhas provas de consideracão lhe tem dado em momentos de acesa luta eleitoral.

Que o povo de Barcelos grave no espirito estas duas ofensas e saiba, na devida oportunidade, responder á letra.

O Hospital

Ainda bem que a Commissão do Hospital tem já em reclamacão, no cumprimento do art. 53 e por espaço de oito dias, a contar do dia 10 do corrente, o recenseamento dos Irmãos com direito a voto.

Está pois, por tanto, a levar a efeito uma parte d'aquilo a que se havia comprometido publicamente e que não deixamos passar sem as nossas observações, avivando-lhe a ideia de compromissos assumidos.

D'esta maneira e seguindo até final aquilo que nos Estatutos se acha estabelecido sobre o assunto, é possivel chegar-se a uma proxima situacão legal para aquele instituto de caridade, salvo se até lá se não servirem de qualquer artimanha eleitoral que tudo, de novo, venha a perverter o complicar.

Agora é aos confrades a quem compete manifestarem-se não só examinando o recenseamento para de-

dozirem as suas reclamações, se para tal houver motivo, como ainda preparando-se para o acto eleitoral, que deve ter lugar no dia 1 de Junho proximo, com a constituicão d'uma Mesa digna do respeito do concelho e que, sem faciosismo e absolutismo alheia e partidarios politicos, satisfaça inteiramente a vontade e os desejos dos Irmãos.

E' pois neste sentido o sobrao elevada orientacão que deveriam ser organisados os trabalhos para a constituicão da futura Mesa a eleger.

Tudo que não for assim, só servirá para novas luctas, mais acesas campanhas, maiores complicacões com o constante agravamento da situacão economica e financeira do Hospital, cuja administracão necessita do concurso e coadjuvencão de todos.

Aos nossos assinantes

Está em cobrança a assinatura semestral, do nosso jornal, terminada em março ultimo, encontrando se os recibos dos nossos estimados assinantes do concelho de Barcelos no estabelecimento do snr. Mateus Lopes dos Santos, L. do Bem Jesus da Cruz, onde podem ser procurados e liquidados.

Qualquer assinante que não receba com regularidade este jornal, rogamos o favor de nos avisar, afim de solicitar-mos providencias a quem de direito competir.

ESCLARECENDO

Nada de confusões.

Após o incidente provocado pela *ralazana das sacristias*, D. Maria Fernandes, procurei, apesar do doente e acamado, chamar logo minha filha Candida á obediencia que deve a seu pae, a quem tantas vezes, assim como todas as mais irmãs, referiu que nunca iria para casa da avó, onde estava o jesuita Padre Domingos, que juntamente a varias outras creaturas do mais precario valor moral e social, insistentemente tem associado os seus

esforços para demoverem as minhas filhas d'aquella resolucao, aconselhando-as a fugirem para a Mãe. O inspirador d'este indiguo procedimento não pode deixar de ser esse Padre Domingos que despejada e descaradamente ainda continua a residir na casa da D. Carlota, agravando de cada vez mais o tremendo escandalo que isso representa nas atuais circumstancias, dando assim mais uma prova das suas qualidades moraes que a seu tempo apreciaremos devidamente. Neste momento quero apenas informar com verdade o publico de que aquelle incidente occasionou umas demarches de pessoas amigas para conseguirem que a filha da sobredita voltasse para casa de seu pae, que, abandonara sem motivo algum, e lhe pedisse perdão pela gravissima falta cometida e tanto mais grave quanto é certo que, desde ha muito, a todas as minhas filhas declarei que se quizessem ir, para onde estava a Mãe, não tinham senão a manifestar-me esse desejo, para que eu o autorisasse, continuando eu a ser sempre e da mesma forma amigo d'ellas; mas que nunca fugissem, pois isso me desgostaria profundamente e difficilmente lhes perdoaria. Era a Candida a que mais decididamente affirmava não querer ir para aquella casa enxovalhada com a presença d'aquelle jesuita. Que vergonha, dizia ella!!...

As suas companheiras da escola alguma coisa podem dizer a tal respeito.

Passados quatro dias esses amigos nada haviam conseguido, como eu previra; e, então, no cumprimento dos meus deveres paternaes e prevenidos aqueles meus bons amigos, resolvei ir pessoalmente buscar minha filha, onde a encontrasse.

Bati á porta da casa da Sra. D. Carlota de Vessadas, aparecendo-me a uma sacada um vulto de creado, a quem disse ao que ia, recado que foi transmitir e dando-me como resposta o fechar-me as portas na cara.

Perante este insulto grosseirissimo procurei desagrarar-me, apontando num gesto do arremesso a bengala que tinha nas mãos, movimento que suspendi por inutil, recorrendo á unica arma que pude obter na rua e que arremessei como protesto de desaffronta. E depois insisti, batendo á porta, para que me fosse entregue a minha filha, quando appareceu á sacada, e só nesse momento, a Sra. D. Prazeres, com modos descompostos e insultuosos a que eu respondi, dizendo-lhe por mais d'uma vez: *retira-te doita da Vessadas, retira-te, sai da minha vista*. E nada mais.

Afirmo pela minha honra que não tive outro gesto, nem outras palavras dirigi á Sra. D. Prazeres.

E nada de confusões...

Dr. Morão de Campos

Orfeon Vilacondense

Foi verdadeiramente interessante o sarau que este Orfeon nos proporcionou no passado domingo no teatro Gil Vicente.

Constituído com elementos de subido valôr, a impressão enternecida dos seus cantares, na suprema interpretação da arte, deixou nos completamente extasiados pelos seus maviosos dos suas emocionantes produções.

Incontestavelmente que o Orfeon de Vila do Conde, que com subida e amavel gentileza nos saudou com o canto sublime das suas artisticas composições e com a poesia distinctissima do seu illustre e intelligente presidente sr. Dr. Arthur Araujo, tem ja e mai justamente um logar de proeminente destaque entre os seus congêneres do paiz.

Este grupo coral, marcou mais um ponto culminante na sua victoriosa carreira artistica pela forma surpreendente como se desempenhou da missão que aqui o encaminhou, trazendo até nós o encanto enternecedor das suas produções suavissimas.

A representação scenica duma revista que em seguida levaram a effeito, devido quasi que á pena scintillante e ao talento alevantadamente superior do nosso querido amigo sr. dr. Arthur Araujo, satisfiz o nosso publico, dando-lhe ensejo a uns momentos de gozo em que as almas se abriram na mais franca e aberta gargalhada.

Sem duvida alguma que este soberbo Orfeon se devia ter sentido bem entre nós, pois aqui deixou as mais saudosas recordações como provadamente lhe foi demonstrado pela maneira sincera como o aplaudiram e como o acolheram, dando-lhe assim uma prova da grande simpatia que os barcelenses tributam ao povo gentil e hospitaleiro de Vila do Conde.

Ao Orfeon Vilacondense, ao seu grupo dramatico e ao seu illustre presidente sr. Dr. Arthur Araujo, Barcelos inteiro, agradece reconhecido a honra gentilica da escolha da sua visita, as suas palavras amaveis e os seus cantares lindissimos singlamente emocionantes significativos d'aquillo do que é capaz esta raça previligiada de trovadores.

Bombeiros de Braga

No proximo domingo chegam a Barcelos no comboio correio da manhã os Bombeiros Municipaes de Braga, que aqui vem passar o dia em passeio anual e de visita aos seus colegas desta vila e Barcelhinhos.

Como se calcula e como é justo, diz-se que terão na gare do caminho de ferro, uma solene recepção, sendo ali aguardados pelas duas corporações de Voluntarios do nosso concelho.

Premio

Sabemos que o sr. Ministro da Agricultura offereceu á Commissão das Cruzes, para a Parada Agricola 250\$00 escudos como premio que lhe havia sido solicitado.

Orá nós reputamos essa misera oferta como uma

ofensa, já pela insignificancia da quantia, já porque Barcelos, sendo como é talvez o primeiro concelho do paiz, não mereceu ao Estado igual deferencia ás prestadas a outras terras de provincia de bem menor importancia.

Por isso mesmo e porque achamos mesquinho tal offerecimento, entendemos que a Commissão das Cruzes, se quizer honrar o seu brio e nome de Barcelos, deve, sem demora, devolver esse premio ao sr. Ministro da Agricultura, a não sêr que S. Ex.^a o torne em oferta pessoal.

Como assim pensamos assim o dizemos francamente e com a sinceridade e coragem com que sempre norteamos os nossos actos.

O processo moral d'uma familia

O DRAMA

Depois do libelo accusatorio exposto no ultimo numero que só péca por incompleto ainda, era natural e logico dizer como é que todos esses agentes provocadores e colaboradores de tão terrivel drama exerceram e associaram tão harmonicamente a sua ação maléfica, e que danados intuitos os incarnicaram contra um homem que nunca lhes fez mal algum, antes lhes prestou sempre, os mais assinalados serviços, como provaremos até mesmo com a confissão dos caluniadores e detratores da minha saúde moral e intellectual. Mas para não ter de me repetir, e porque a intelligencia dos leitores, a quem me dirijo, com os elementos apresentados viu já claro a questão, dispensa-me d'osso trabalho, permitindo-me assim proseguir segundo o plano metódico, de que me afastou o incidente provocado pelo sr. Dr. Fernando de Vessadas Salazar.

Havíamos dito que a sr.^a D. Carlota de Vessadas vinha empregando toda a sua intelligencia e sagacidade em indispôr-me com a minha filha mais velha, e até com os proprios irmãos, para assim mais facilmente depois de destruida ou amortecida a sua grande dedicação e amor de familia,

conseguir o seu almejado fim—lazer d'ela uma *Religiosa*.

Provarei com documentos que este fim estava quasi atingido e como tudo se preparava para concluir a obra que fiz derruir.

Provocaram-me, caluniaram-me, martirisaram-me e ainda por fim, como por escarneo, pretendiam amortalhar os meus sentimentos de pae extremosissimo num manto de ignominia! Não, nunca! Para traz vilões. Ora estes sintomas, bastantes só por si para me trazerem a maior das preocupações no que diz respeito á educação dos meus filhos, por não ter meio de os subtrair áquele ambiente; ou antes por me terem falhado todos os esforços para fugir d'ele, para o que concorria a invencivel resistencia de minha mulher em não querer sair de Barcelos, foram em breve acrescidos d'outros que mais diretamente afetavam a minha dignidade, como vamos ver.

A liberdade e franqueza d'outros tempos no trato familiar via eu substituir-se o retraimento e constrangimento forçados, assim como a interrupção ou variação subita dos assuntos de conversa, logo que eu aparecia, e que os modos agradaveis e risinhos não eram suficientes para encobrir o disfarce, principalmente quando eu inopinadamente lhes apparecia sem dar tempo a afivelarem a mascara da hipocrisia. Já então eu notava com viva estranheza que nem o Fernando, por quem tanto fizera para que fosse formar-se em Coimbra e com quem tanto me esforcei depois para não abandonar a sua carreira (o que me valeu da sua parte uma frieza de relações bem demorada, é inacreditavel, pois não é?), nem esse que se mostrava bastante liberal, ficara indêno do maldito contagio. Suportei este martirisante suplicio, infligido á dignidade e honestidade do meu character, com a maior calma, esperando a decifração do enigma.

Não sei quanto durou esta tortura moral; foi longa. Mas ao fim sempre descobri a causa d'esto suplicio.

Ella:—*Eu havia sido de-*

nunciado á Sr.^a D. Carlota como pertencendo á Carbonaria!... Era pois um elemento perigoso na familia!... E d'esta forma tudo fica explicado. Bem quizera convencer minha sógra da falsidade e infamia da denuncia; mas, quê? Pois então não defendia eu por toda a parte o Afonso Costa? Não justificava com o maior ardor, a necessidade de occasião da lei da separação das Igrejas do Estado?

Pois não era certo que eu não me confessava, nem ia á missa, nem contribuia para o sustento do padre da freguezia? Que mais provas eram precisas para certificarem que eu era um CARBONARIO e dos mais terriveis, vivendo dentro d'aquello alfobre de SANTARRÕES, pronto e capaz pelo espirito de seita de os comprometer a todos e a todas as pessoas das suas relações?!...

Envolvido o denunciante na montureira das suas infamias, certamente gosando com o mais covardo cinismo os efeitos da sua obra; vendo que se saíra bem d'essa infame vilania; corroído d'est'arte a simpatia que disfrutava no seio da familia o que as minhas qualidades de homem digno e honesto impunham, apezar do meu genio e altivez, unicos defeitos que me eram apontados, facil foi aos lagos perversos, vencida sem consequencias para eles a primeira e mais difficil batalha, avançarem no cometimento do meu esmagamento material, já em parte obtido com a indisposição da Sr.^a D. Carlota para comigo e que lhes era manifesta no facto de *nem já ser chamado ao convivio da familia na reunião por todos os modos tão bela, tão dignificadora, e tão mi-nhota... a que dá logar a festa do Natal!* E assim iam firmando a sua situação até ahí tão periclitante, como já mostrei; e ao mesmo tempo afastando-me e tornando-me cada vez mais indesejado no seio da familia a quem sempre tributei as maiores atenções e dedicação, interessando-me pela boa orientação de seus filhos, recomendando-os aos meus amigos,

dispensando-lhes bons conselhos e todo o auxilio que podesse ser-lhes util. Como teem correspondido velozmente a seu tempo.

Na descripção chronologica que tanto quanto possível temos seguido, dos factos constitutivos do drama que se vem desenrolando, somos chegados ao ano de 1917, epoca de fundação do Banco Popular Portuguez, em que o «Escôvas» revela uma qualidade até então desconhecida—a de *falsario*, sim, *falsario*.

Esperem um pouco. Falarão por mim os documentos que vou citar e que ponho á disposição de quem queira verificar a exactidão da minha narrativa, os quaes só não publico por não ter ainda obtido a necessaria authorisação da direcção do Banco, apesar do meu insistente pedido. Isso porem não obsta a que a eles me refira, como é absolutamente indispensavel. O «Escôvas» sempre mesuras e hypocrita, e, para melhor levar a agua ao seu molinho, depois de ter vomitado a peçonha capaz de envenenar qualquer outra pessoa que mais reflectida fosse e menos impressionavel do que a Snr.^a D. Carlota de Verradas, dado o seu temperamento de exaltação nervosa por demais conhecido em Barcelos, esforçava-se por colocar-se a coberto das suas machinacões; e logo imaginava ou aproveitava (nisso era ele habil, qualquer circumstancia que lhe fosse propicia, mas sem nunca prejudicar os seus reservados fins.

E foi nesses intuitos que ele sondou o animo da sógra sobre as probabilidades de exito que eu teria em conseguir ser nesta vila o representante do Banco Popular Portuguez, de cujo intento supponho ter sido informado por minha mulher: «Que a ele, Escôvas, muito convinha essa representação, mas que receiava o meu genio, etc... etc... E da irreflexão da Snr.^a D. Carlota obteve o que maliciosamente pretendia, animando-o a trabalhar contra mim, pois que, dizia ella, não gostando o Morão de pedir nada a ninguem, certamente nada consegue; e elle, Escôvas, que aprovei-

tasse!!... Isso foi o que elle quiz ouvir e logo pôz em pratica, se é que o não tinha ja feito antes. Passado algum tempo e apóz uns ligeiros incidentes, consequentes d'aquella attitude contra a minha pretensão, viemos finalmente a um entendimento a fim de evitar novas complicações e em satisfação dos desejos manifestados pela Snr.^a D. Carlota que bem pezarosa se mostrou depois por ella ter concorrido *involuntaria* e *irreflotidamente* para agravar o conflicto existente entre os dois genros.

Em consequencia do que, generosamente, propuz ao «Escôvas» entrar como socio, pois o que eu esperava conseguir com respeito á representação do B. P. P. em Barcelos, exigia que tivesse auxiliares; e visto elle ter nisso conveniencias, *que eu não podia a esse tempo deixar de supôr honestas*, não tinha duvida alguma em dar-lhe sociedade. O alvitre foi accete, mas com os malévols e reservados intentos que vamos desvendar.

ANUNCIOS

CASA NA VILA

Quem pretender comprar uma casa com bom quintal, dirija-se ao tenente Faria.

Prevenção

Previne-se o publico, e especialmente o commercio, de que deixaram de fazer parte da sociedade por quotas, «UNIÃO INDUSTRIAL BARCELENSE, LIMITADA», com sede na Avenida Alcades de Faria, d'esta vila, os socios Snrs. Dr. Mancel Batista de Lima Torres, Fradique de Vasconcelos Corte Real e João C. Lima Torres, os quaes por Escritura de 28 de Abril de 1924, lavrada na nota do Notario/Exm.^o Snr. Dr. Augusto Matos Lopes de Almeida, CEDERAM as suas quotas e direitos sociaes ao socio snr. Manoel de Araujo Couti-

nho.

Fica, portanto, agora essa sociedade constituida unicamente pelos socios srs. Manoel de Araujo Coutinho, João de Araujo Coutinho, Antonio de Araujo

Coutinho, José de Araujo Coutinho, Manoel de Araujo Coutinho Junior, não podendo mais aqueles ex-socios fazer uso d'aquella firma ou denominação social.

PINHEIROS

Continuamos a insistir que ha grande vantagem para os senhores proprietarios de pinheirões, em venderem os mesmos por meio de leilão, reservando-se o direito de não os entregarem se o ultimo lance lhes não convier.

E' esta a melhor fórma de tirarem um bom resultado de suas vendas. Sempre que tenham de pôr pinheiros á venda rogamos nos avisem.

—Precisamos de compradores activos, por conta da casa ou por conta propria, com boa pratica de louvar pinheirões, podendo facilitar-lhes boas condições.

—Todo o novo fornecedor de madeira para esta casa, reconhecerá em pouco tempo as boas condições de trabalho que lhe facilitamos.

Barcelos, 10 de Março de 1920.

JUAN B. DOMENECH

MADEIRAS DE FORRO E VITOLA

Compram-se madeiras de fôrro e vitóla. Para tratar todas as quinta-feiras com Juan B. Domenech—Fabricade Serração—Barcelos

LABORIS, L.^{da}

CAMPO DA REPUBLICA, 45—47

BARCELOS

Comissões, consignações e conta propria

Mercantil de Barcelos, L.^{da}

Avenida Alcades de Faria

BARCELOS

Artigos de Mercearia

Refinação de Assucar

Cereais e Moagem

A GARANTIA

AGENCIA DE PASSAGENS E PASSAPORTES

ANTONIO FERREIRA DUARTE VELOSO

(Em frente á Recehedoria—BARCELOS)

Solicitam-se passaportes para todos os paizes estrangeiros. Entregam-se bilhetos de passagens de todas as Companhias de Navegação.

Pçam informações á nova agencia.